



Universidade Federal de Alagoas - UFAL  
Centro de Educação- CEDU  
Maceió - Alagoas - Brasil

## A CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL SOB A PERSPECTIVA DA CRIANÇA COMO PROTAGONISTA

**Thainá Fernanda dos Santos Gomes** (CEDU-UFAL)  
thaina.fgomess@gmail.com

**Ana Maria dos Santos** (CEDU-UFAL)  
ana.maria@cedu.ufal.br

### RESUMO:

O presente artigo resulta de reflexões geradas por meio de um Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia e tem como objetivo refletir sobre a organização dos espaços na Educação Infantil, considerando a coparticipação das crianças na tomada de decisões e de escolhas. Discutimos o conceito de protagonismo infantil; abordamos os termos espaço e ambiente sob o olhar da Pedagogia e da Geografia; buscamos compreender as contribuições da participação das crianças no âmbito das práticas pedagógicas em creches e pré-escolas. Indagamos: em que medida o protagonismo infantil vinculado à organização dos arranjos espaciais na Educação Infantil contribui para o desenvolvimento da criança como sujeito integral? Trata-se de um estudo bibliográfico e documental, para isto, recorreremos às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), ao documento intitulado Subsídios para Credenciamento e Funcionamento das Instituições de Educação Infantil (1998), aos Parâmetros Básicos de Infra-Estrutura para Instituições de Educação Infantil (2006) e ao Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998). Pesquisadores como Tiriba (2008), Barbosa e Horn (2001) Horn (2003) Horn (2004), Sarmento (2007), Forneiro (1998) e outros contribuíram com as discussões sobre protagonismo infantil e a organização dos espaços em instituições que cuidam e educam crianças pequenas. Autores como Santos (2004) e outros que nos forneceram subsídios para refletir sobre os conceitos de espaço e de ambiente a partir da Geografia. O estudo indicou que um espaço organizado e acolhedor promove valiosas experiências na infância e que o protagonismo infantil mantém estreita relação com o desenvolvimento integral da criança pequena.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Infantil. Protagonismo Infantil. Organização dos Espaços.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de algumas reflexões geradas em meio a um Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia<sup>1</sup> e tem como objetivo

---

<sup>1</sup> O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi produzido de forma compartilhada com Deisiane Silvério Galvão de Lima e defendido em agosto de 2022.

refletir sobre os processos de construção e organização dos espaços na Educação Infantil a partir da coparticipação das crianças na tomada de decisões e de escolhas.

Como objetivos específicos, buscamos discutir os conceitos de protagonismo infantil; abordar os termos espaço e ambiente a partir de referências tanto do campo da Pedagogia como da Geografia e compreender as contribuições que a participação direta das crianças promove no âmbito das práticas educativas em creches e pré-escolas, visando o desenvolvimento infantil e a qualidade da educação que é ofertada às meninas e meninos desse país.

A questão que norteou o nosso estudo nos levou a seguinte indagação: em que medida a participação efetiva da criança na organização dos arranjos espaciais na Educação Infantil contribui para o seu desenvolvimento como sujeito integral?

Para Malaguzzi (Apud JAUME 2004, p. 364), “sentir-se inteira é para a criança, assim como para o homem, uma necessidade biológica e cultural, um estado vital de bem-estar”.

Por se tratar de um trabalho de caráter bibliográfico e documental, recorreremos a documentos que apresentam questões referentes às políticas e práticas pedagógicas no campo da infância e da Educação Infantil, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), o documento denominado Subsídios para Credenciamento e Funcionamento das Instituições de Educação Infantil (BRASIL, 1998), os Parâmetros Básicos de Infra-Estrutura para Instituições de Educação Infantil (BRASIL, 2006) e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998).

Procedeu-se também ao aprofundamento da literatura resultante de investigações realizadas por pesquisadores e estudiosos que trabalham o tema do protagonismo infantil, assim como da organização dos espaços em instituições infantis, como Tiriba (2008), Barbosa e Horn (2001) Horn (2003) Horn (2004), Sarmiento (2007), Oliveira (2010), Forneiro (1998), Carvalho e Rubiano (2010) e outros que nos forneceram elementos para refletir sobre os conceitos de espaço e de ambiente sob a ótica da Geografia, como, Moraes (1995), Santos (2006) etc.

Como orienta o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998),

O espaço na instituição de educação infantil deve propiciar condições para que as crianças possam usufruí-lo em benefício do seu desenvolvimento e aprendizagem. Para tanto, é preciso que o espaço seja versátil e permeável

à sua ação, sujeito às modificações propostas pelas crianças e pelos professores em função das ações desenvolvidas (BRASIL, 1998, p. 69).

Tiriba (2008, p. 38), entende que, “do ponto de vista das crianças, não importa que a escola seja um direito, importa que seja agradável, interessante, instigante, que seja um lugar para onde elas desejem retornar sempre”.

Horn (2003, p. 8), concebe o espaço como “um parceiro, por vezes quieto e silencioso, que reparte com os educadores a tarefa de educar e ensinar às crianças pequenas”. Ainda de acordo com a autora (2004),

O olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica. Aliás, o que sempre chamou minha atenção foi a pobreza frequentemente encontrada nas salas de aula, nos materiais, nas cores, nos aromas; enfim, em tudo que pode povoar o espaço onde cotidianamente as crianças estão e como poderiam desenvolver-se nele e por meio dele se fosse mais bem organizado e mais rico em desafios (HORN, 2004, p. 15).

O que Horn (2004) apresenta, infelizmente, ainda é uma realidade encontrada em algumas instituições de Educação Infantil. Por vezes, falta um olhar sensível em relação à organização dos espaços, considerando a participação ativa das crianças e, desse modo, não contribuindo para o enriquecimento de suas vivências, intercâmbios e possibilidades de ação.

Sabemos o quanto o espaço é importante para o desenvolvimento cognitivo, social, motor e emocional das crianças e da sua influência nos processos educativos. Portanto, para que a participação dos pequenos se efetive cotidianamente, o professor deve estar atento aos gostos, preferências e, sobretudo, aos contextos socioculturais em que as crianças estão inseridas, buscando reconhecê-los, valorizá-los e alargar suas percepções para além daquilo que elas já conhecem.

Um espaço escolar organizado e pensado com e para as crianças, torna o ambiente educacional intenso, afetivo, acolhedor e propulsor de aprendizagens. Para promover o protagonismo infantil no contexto das creches e pré-escolas, como já foi mencionado anteriormente, é fundamental conhecer as crianças, o que elas trazem consigo, suas necessidades, interesses e, desta forma, o professor deve sempre estar atento e disposto a escutar.

Pensar a organização dos espaços na Educação Infantil, é compreender que os arranjos espaciais e materiais são fundamentais para o desenvolvimento integral

das crianças, tendo em vista que eles expressam concepções de infância, de criança e de Educação Infantil, trazendo implicações para os modos como as dimensões afetiva, psicológica, cognitiva, motora e sensorial dos pequenos se estruturam.

## **2 ALGUNS CONCEITOS E PERSPECTIVAS ACERCA DO PROTAGONISMO INFANTIL E DA CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS EM CRECHES E PRÉ-ESCOLAS**

O termo protagonismo infantil vem sendo tratado de forma recorrente nas últimas décadas, mais especificamente com a introdução, nos anos de 1980, dos estudos da Sociologia da Infância no Brasil.

Abramowicz (2011) analisa que,

A sociologia da infância traz em seus movimentos inversões interessantes, novos/outros agenciamentos, novos pesquisadores, novas perspectivas sobre as crianças, um outro olhar, um movimento contra o adultocentrismo, contra o colonialismo, entre outros (ABRAMOWICZ, 2011, p. 24).

De acordo com Guizzo et al (2019, p. 04), “o protagonismo infantil vincula-se à participação efetiva das crianças no seu desenvolvimento, bem como na re/solução de situações e de problemas que emergem no cotidiano [...]”.

Diante do exposto, é importante destacar que esse processo não é defendido pelos autores estudados, de forma apartada da mediação do adulto, pois, embora se reconheça o potencial das crianças nas mais variadas formas de inserção e participação social, também é primordial que se reconheça que seu percurso não começa do marco zero, não é solitário, necessita da presença de outros sujeitos mais experientes.

Nesta perspectiva, Kramer (2006, p. 17) adverte que,

As crianças não formam uma comunidade isolada [...]. As crianças não são filhotes, mas sujeitos sociais, nascem no interior de uma classe, de uma etnia, de um grupo social. Os costumes, valores, hábitos, as práticas sociais, as experiências interferem em suas ações e nos significados que atribuem às pessoas, às coisas, e às relações.

Guizzo et al. (2019, p. 4) esclarecem que “a palavra “protagonismo” tem origem no latim: *protos* que quer dizer principal e *agonistes* que significa lutador. Ser protagonista é ter papel de destaque num acontecimento, área ou situação”.

No campo da educação dos pequenos, a ideia de protagonismo infantil surge juntamente com a visão de infância e de criança que temos atualmente, ou seja, de criança como sujeito de direitos, ser capaz e ativo em seu processo de desenvolvimento e de aprendizagem,

O protagonismo infantil tem surgido em grupos em que crianças, das mais variadas faixas etárias, culturas, faixas socioeconômicas, podem expressar seus pensamentos, sentimentos, vivências, opiniões, reivindicações, preferências e realidades de vida. O protagonismo acontece de forma cotidiana onde quer que crianças vivam e cresçam: nos núcleos familiares mais diversos, em comunidades, escolas, espaços públicos, em organizações sociais. Enfim, onde há crianças há protagonismo infantil (FRIEDMANN, 2017, p. 42).

Discutir sobre o protagonismo infantil nos leva a refletir acerca do que entendemos por infância, de que perspectiva de infância estamos falando, tendo em vista que durante o passar do tempo várias imagens e ideias foram criadas sobre a criança, ideias essas baseadas exclusivamente em uma visão adultocentrada, que não levava em consideração as crianças, o que elas pensavam, falavam e traziam consigo.

De acordo com Sarmiento (2007), precisamos ainda aprender muito sobre as crianças, pois no decorrer da história o que esteve em questão sempre foi o que os adultos compreendiam a partir de seu próprio modo adulto de perceber e de interpretar os interesses infantis, sendo as crianças silenciadas e invisibilizadas.

Para o referido autor (2007),

A infância é, simultaneamente, uma categoria social, do tipo geracional, e um grupo social de sujeitos activos, que interpretam e agem no mundo. Nessa acção estruturam e estabelecem padrões culturais. As culturas infantis constituem, com efeito, o mais importante aspecto na diferenciação da infância (SARMENTO, 2007, p. 36).

Portanto, a visão de criança passiva e totalmente dependente do adulto vai se transformando com o tempo, sendo assim, elas passam a ser vistas como capazes, ativas, produtoras de conhecimento e que estão sempre perguntando, buscando aprender e, por isso, necessitam e devem ser ouvidas.

Hoffmann (2010) destaca que,

A criança constrói o seu conhecimento na interação com o meio em que vive. Portanto, depende das condições desse meio, da vivência de objetos e situações, para ultrapassar determinados estágios de desenvolvimento e ser

capaz de estabelecer relações cada vez mais complexas e abstratas (HOFFMANN, 2010, p. 43).

Atuar junto às crianças requer, antes de tudo, conhecimentos, objetivos claros e sensibilidade. Ao discutir Educação Infantil precisamos pensar em como garantir uma educação de qualidade, que priorize o cuidado, a autonomia, a construção da identidade, uma educação que seja afetuosa e que respeite o direito de ser criança e de viver a infância, entendendo que as crianças podem e devem ter o direito a assumir seu protagonismo no cotidiano das relações das quais participam.

É de suma importância oferecer condições adequadas para que as crianças se desenvolvam de forma autônoma, tendo oportunidades de aprender a cuidar de si, de trabalhar individual e coletivamente na realização de atividades, como também que possam atuar e intervir na organização dos espaços que ocupam, pois garantir o protagonismo na infância, indica que a criança deve ter a liberdade de manifestar por meio de diversas formas o que pensa, deseja e sente em meio às situações vivenciadas na rotina da instituição.

“A definição de currículo defendida nas Diretrizes põe o foco na ação mediadora da instituição de Educação infantil como articuladora das experiências e saberes das crianças e os conhecimentos que circulam na cultura mais ampla [...]” (OLIVEIRA 2010, p. 4),

Encontramos no documento Subsídios para Credenciamento e Funcionamento das Instituições de Educação Infantil (1998), que,

[...] as crianças pequenas e suas famílias devem encontrar nos centros de educação infantil um ambiente físico e humano, por intermédio de estruturas de funcionamento adequadas [...], que proporcionem experiências e situações planejadas intencionalmente, de modo a democratizar o acesso de todos, aos bens culturais e educacionais, que proporcionam uma qualidade de vida mais justa, equânime e feliz (BRASIL, 1998, p. 68).

Um espaço bem organizado e cuidadosamente pensado em conjunto com as crianças, requer dos adultos um olhar atento, uma disposição ao diálogo e uma escuta cuidadosa junto ao grupo.

Barbosa e Horn (2001) defendem que,

Ao pensarmos no espaço para as crianças devemos levar em consideração que o ambiente é composto por gostos, toque, sons e palavras, regras de uso do espaço, luzes e cores, odores, mobílias, equipamentos e ritmos de vida.

Também é importante educar as crianças no sentido de observar, categorizar, escolher e propor, possibilitando-lhes interações com diversos elementos (BARBOSA; HORN, 2001, p. 73).

Os espaços na Educação Infantil, assim planejados e constituídos, produzem experiências diversas nas crianças, valorizam e garantem sua criatividade, autonomia, motricidade, sentidos e percepções. Oliveira (2010, p. 9) entende que “o ambiente deve ser rico de experiências para exploração ativa e compartilhada por crianças e professores, que constroem significações nos diálogos que estabelecem”.

Conceber a criança como protagonista, no âmbito da Educação Infantil, requer que se parta da perspectiva de criança como ser dotado da capacidade de produzir cultura por meio das interações com seus pares, com os adultos e com os objetos do mundo a sua volta, compreender que se trata de um ser capaz de participar ativamente na construção de ações educativas que garantam seu direito a vez e voz nos processos de decisão e de escolhas.

Abramowicz (2011, p. 24), salienta que,

A fala da criança é uma inversão nos processos de subalternização, é um movimento político. Já sabemos que são os adultos quem falam das/sobre as crianças e que isso faz parte de uma das linhas do processo que chamamos socialização. É o adulto quem fala na nossa hierárquica ordem discursiva.

Entendemos que o ambiente tem um papel preponderante nesse movimento de atender à necessidade de a criança sentir-se em sua inteireza, uma vez que o espaço não é neutro, possui uma intencionalidade político-pedagógica, orientando as ações da criança nos tempos e materialidades presentes na instituição.

Tiriba (2008), defende que,

[...] Será necessário buscar a parceria das crianças nas decisões sobre a organização e na decoração da escola, pois, se as crianças são sujeitos de conhecimento e também de desejo, se crescem e modificam seus interesses e possibilidades, também os espaços podem ser por elas permanentemente modificados (TIRIBA, 2008, p. 43).

Tratar a importância da organização dos espaços e suas contribuições para o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil, passa pela discussão do conceito de espaço e do reconhecimento de que tal conceito é carregado de uma multiplicidade de sentidos. Para muitos estudiosos da área da Geografia, o conceito de espaço passou por muitas mudanças, às quais se vinculam a questões políticas, econômicas



e territoriais e, de acordo com vertentes políticas distintas, também vão se formulando seus conceitos.

De acordo com Milton Santos (1994), o espaço deveria ser analisado a partir das categorias forma, função, estrutura e processo. Já para Lefebvre (Apud FIALHO, MACHADO, SALES, 2014), as relações sociais de produção só têm existência social na medida em que existem espacialmente; elas se projetam num espaço, e nele se inscrevem enquanto o produzem.

Assim como para alguns geógrafos não existe apenas um conceito relacionado ao espaço, quando se busca trazer tal discussão para o contexto da Educação Infantil, especialmente no que concerne à organização dos espaços, é possível perceber a coexistência de formas variadas de compreensão do termo, tanto em alguns autores como em documentos. Para alguns, espaço e ambiente são concebidos de forma distinta enquanto para outros, tais conceitos são tratados como sinônimos.

Forneiro (1998) define o ambiente,

Como um todo indissociável de objetos, odores, formas, cores, sons e pessoas que habitam e se relacionam dentro de uma estrutura física determinada que contém tudo e que ao mesmo tempo, é contida por todos esses elementos que pulsam dentro dele como se tivessem vida [...] o ambiente “fala”, transmite sensações, evoca recordações, passa-nos segurança ou inquietação, mas nunca nos deixa indiferente (FORNEIRO, 1998, p. 233).

O autor (1998, p. 232), concebe espaço e ambiente como sendo distintos. Para ele o termo espaço “refere-se ao espaço físico, ou seja, aos locais para a atividade caracterizada pelos objetos, pelos materiais didáticos, pelo mobiliário e pela decoração”.

Nessa perspectiva, o espaço é representado pelo seu aspecto físico e material, enquanto o ambiente “refere-se ao conjunto do espaço físico e às relações que se estabelecem no mesmo (afetos, as relações interpessoais entre as crianças, entre crianças e adultos, entre crianças e sociedade em seu conjunto)” (FORNEIRO, 1998, p. 233).

Segundo o documento “Subsídios para Credenciamento e Funcionamento das Instituições de Educação Infantil” (1998), o espaço não existe isolado do ambiente. O espaço deve ser projetado para a criança e seu desenvolvimento, tanto nos materiais quanto nas relações e trocas que estabelece com os outros e com os objetos,



O espaço físico precisa contemplar o convívio/confronto de crianças de várias idades e de vários tipos de adultos. [...] O espaço vai favorecer e vai ser favorecido por uma pedagogia das diferenças, uma pedagogia das relações, uma pedagogia da escuta, uma pedagogia da animação, uma pedagogia não-escolar [...] (BRASIL, 1998, p. 99-100).

Para o referido documento, o ambiente está voltado para as relações físicas e humanas, proporcionando experiências que envolvam tanto as crianças quanto suas famílias. Assim, expõe-se que espaço físico,

Não se resume em sua metragem. Grande ou pequeno, o espaço físico de qualquer tipo de centro de educação infantil precisa torna-se um ambiente, isto é, ambientar os adultos e as crianças: viabilizando o agrupamento de poucas e/ou muita crianças, misturando as idades, estendendo-se à rua, ao bairro e à cidade, melhorando as condições de vida de todos os envolvidos, sempre atendendo a objetivos das atividades programadas individuais e coletivas (BRASIL, 1998, p. 96).

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) apresenta sugestões acerca da disposição dos objetos e materiais que compõem um espaço, cuja finalidade seja a de promover o desenvolvimento da autonomia e a ação da criança.

O professor tem um papel essencial no processo de construção e organização do espaço, pois é ele o responsável em transformar o que as crianças expressam, exteriorizam e trazem consigo em algo concreto. Para que isso ocorra, é necessário ter consciência de seu papel como agente que escuta e observa, bem como documenta tudo que for necessário e coloca em ação junto às crianças.

Para Horn (2004), o espaço é conjugado ao ambiente,

É no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções [...] nessa dimensão o espaço é entendido como algo conjugado ao ambiente e vice-versa. Todavia é importante esclarecer que essa relação não se constitui de forma linear. Assim sendo, em um mesmo espaço podemos ter ambientes diferentes, pois a semelhança entre eles não significa que sejam iguais. Eles se definem com a relação que as pessoas constroem entre elas e o espaço organizado (HORN 2004, p. 28).

No ambiente escolar as crianças podem e devem ser estimuladas a explorar, por meio de vários instrumentos, recursos e maneiras diversas, o espaço em que convive durante parte do seu dia com outras pessoas. Assim, é importante pensar o mobiliário, diferentes objetos, a iluminação, a ventilação, as cores, os aromas, as

experiências sensoriais, como elementos que respeitam o direito da criança de ser criança e de viver a infância.

Outra questão que devemos analisar, diz respeito aos espaços externos, àqueles encontrados no entorno de uma instituição de educação infantil. Como esses espaços têm sido contemplados na rotina das crianças? Como são explorados por elas? De que forma oferecem dados para as experiências infantis para além dos muros da instituição?

Entendemos que é importante que as crianças tenham contato com espaços internos e externos à instituição e que o mais importante é que esses espaços gerem desafios, aliados às necessidades e singularidades individuais e coletivas do grupo de crianças.

Mesmo contando uma vasta legislação, elaborada com o intuito de contribuir com a qualidade da educação em instituições de Educação Infantil, ainda é possível encontrar espaços sem as mínimas condições para seu funcionamento. A precariedade de alguns espaços voltados à educação infantil interfere diretamente no trabalho docente e no desenvolvimento integral das crianças pequenas. Essa triste realidade, por mais que tenha diminuído no decorrer dos anos, ainda se faz presente em diversos estabelecimentos de ensino “principalmente os que estão fora do sistema formal, mas não só eles” (BRASIL, 2006, p. 10).

Compreendemos que um espaço escolar bem estruturado, organizado e acolhedor é propulsor de valiosas experiências na infância e, portanto, de uma educação que atende as necessidades e singularidades das crianças desde a mais tenra idade.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo buscou trazer à discussão os processos de construção e organização dos espaços na Educação Infantil, considerando as crianças como protagonistas. Foi possível apreender que quando as crianças participam da organização dos espaços e quando estes são pensados com elas e para elas, diferentes habilidades e saberes são ativados e desenvolvidos, desde questões relacionadas à autonomia e independência, como também ao sentimento de pertencimento e construção de identidade.

Os documentos oficiais analisados em nosso trabalho convergem no sentido de orientar que o processo da construção dos espaços na Educação Infantil reflete as concepções de criança, de infância e de Educação Infantil e tais documentos indicam que um espaço ideal para atender aos interesses da criança deve, sobretudo, garantir o seu protagonismo.

As instituições de Educação Infantil devem instaurar e/ou fortalecer o exercício e a cultura de abertura e de acolhimento às demandas das crianças, considerando sua participação nos momentos de debate e de decisões coletivas, instituindo propostas que potencializem a vivência dos princípios éticos, políticos e estéticos (BRASIL, 2010), nas interações com seus pares e com os adultos.

Por fim, consideramos que pensar os arranjos espaciais em instituições infantis com a participação ativa das crianças é de suma importância no interior dos cursos de formação de professores, em especial, nos Cursos de Pedagogia e que as discussões possam adentrar o contexto da formação continuada de professores.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A. A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância. In: FARIA, A. L. G. de; FINCO, D. (Orgs). **Sociologia da infância no Brasil** Campinas: Autores Associados, 2011.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros básicos de Infra-Estrutura para Instituições de Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2006.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Subsídios para Credenciamento e Funcionamento de Instituições de Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FIALHO, Lia; MACHADO, Charliton; SALES José Álbio Moreira de. **As correntes do pensamento geográfico e a geografia ensinada no ensino fundamental:**

objetivos, objeto de estudo e a formação dos conceitos geográficos. Ano 17, n.23, 2014. P.203-224

FRIEDMANN, Adriana. Protagonismo Infantil. In: LOVATO, Antonio; YIRULA, Carolina P.; FRANZIM, Raquel (Org.). **Protagonismo a potência de ação da comunidade escolar**. São Paulo: Ashoka / Alana, 2017.

FORNEIRO, Lina Iglesias. A organização dos espaços na educação infantil. In: ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GUIZZO, Bianca Salazar; BALDUZZI, Lucia; LAZZARI, Arianna. **Protagonismo infantil**: um estudo no contexto de instituições dedicadas à educação da primeira infância em Bolonha. *Educar em Revista*, v. 35, n. 74, p. 271-289, 2019.

HORN, Maria da Graça de Souza. **O papel do espaço na formação e transformação da ação pedagógica do educador infantil**. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2003.

\_\_\_\_\_. **Sabores, cores, sons, aromas**. A organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

JAUME, M. A. R. O ambiente e a distribuição de espaço. In: ARRIBA, L.T. et al. *Educação infantil: desenvolvimento, currículo e organização escolar*. pp. 363-377, 5 ed., Porto Alegre: Artmed, 2004.

KRAMER, S. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. **Ensino Fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. MEC/SEB. Brasília: Estação Gráfica, 2006, p. 13-23.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e o meio técnico-científico informal. São Paulo: editora Hucitec, 1994.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, Vera M. R. de; SARMENTO, Manuel Jacinto. **Infância (in)visível**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007.

TIRIBA, Léa. **Diálogos entre a arquitetura e a pedagogia**: educação e vivência do espaço. Organização: Zóia Prestes. *Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais* ISSN: 1808-6535 Publicada em junho de 2008. P. 37-43.